



RUI TAVARES

OPINIÃO

25 de Abril: e o até sempre quanto dura?

Há nisto tudo, sim, algo que o 25 de Abril deu ao mundo: a noção de que era possível fazer uma revolução pacífica, democrática, bela — e de todos. E é isto que está em causa hoje.

As três coisas de que mais gosto nas comemorações do 25 de Abril: descer a avenida com o povo unido e diverso, as mães e pais que levam os filhos desde pequenos à manifestação e ver como os estrangeiros aderem ao espírito do Dia da Liberdade. O 25 de Abril é a grande festa laica da democracia em Portugal e festejá-lo na rua, que me perdoem os órgãos de soberania, vale mais do que milhares de discursos oficiais.

Isto é para mim racional, mas também afetivo. É porque os meus pais me levaram desde miúdo à marcha do 25 de Abril que não penso noutra coisa senão em apresentar o meu filho à Avenida da Liberdade, ou que gosto tanto de ver os filhos dos meus amigos e primos que já vão à marcha com os amigos deles. O ambiente é distendido, a atmosfera cordial: a esquerda esquece as suas rivalidades por umas horas, vão lado a lado as associações, grupos e sindicatos mais díspares. Seria bom até, digo eu, ver o centro e a direita democráticos reivindicar mais o seu direito de cidade na manifestação do 25 de Abril. No fundo, fazer da marcha a sua casa como os imigrantes e cidadãos estrangeiros fazem já há muitos anos: pela avenida desfilam a Casa do Brasil e as associações de ucranianos e romenos, os estudantes erasmus e os estrangeiros de passagem ou convidados. Sem esquecer os povos-irmãos a quem mais devemos este dia: os dos países africanos que se libertaram do colonialismo português, dando-nos também um contributo decisivo para que nos

libertássemos do fascismo serôdio que era o salazarismo. Entoam connosco a *Grândola* e o dia também é deles.

Mas hoje ao descer a Avenida da Liberdade vai haver um pensamento que me inquieta. Nós gritamos: “25 de Abril Sempre!” Mas este sempre até quando dura?

Permitam-me que me explique. Não é a democracia portuguesa que me preocupa. Pelo menos não como antes. Nos anos da *troika* a minha preocupação principal era que chegássemos ao ano em que teremos mais dias de liberdade do que tivemos de opressão, em 2022, e que nessa altura pudéssemos já não ter uma das coisas para que se fez o 25 de Abril: o Estado social. O facto é que a atual maioria de esquerda permitiu mitigar esse medo. Portugal precisará sempre de aperfeiçoar a sua democracia e o seu Estado social, mas finalmente foram ultrapassados os bloqueios políticos que tornavam ineficaz a defesa dos valores que na democracia à esquerda portuguesa mais diziam — bloqueios que por isso eram um problema para todo o nosso sistema político.

A minha inquietação tem, este ano, mais que ver com aquilo que o 25 de Abril deu ao mundo do que propriamente com Portugal. Como costumam dizer os estudiosos (desde, creio, o famoso politólogo Samuel Huntington), a Revolução dos Cravos deu início à “Terceira Vaga da Democratização” no mundo. Depois do trágico atentado final à democracia na América Latina que foi o golpe de Pinochet, no Chile, a revolução portuguesa foi o primeiro novo sinal de esperança para os democratas no mundo. A seguir à nossa revolução veio a transição espanhola e a grega, as Diretas Já! no Brasil e as outras democratizações latino-americanas nos anos 80 e até as revoluções democráticas nas Filipinas e na Coreia do Sul, para culminar na queda do Muro de Berlim em 1989 e nas democratizações dos anos 90 na Europa e na Ásia.

Claro que é um exagero de linguagem dizer que isto é “o que o 25 de Abril deu ao mundo”, como faço acima. Mas há nisto tudo, sim, algo que o 25 de Abril deu ao mundo: a noção de que era possível fazer uma revolução pacífica, democrática, bela — e de todos. E é isto que está em causa hoje.

Quando gritamos “25 de Abril Sempre!” em Portugal é acreditando que o sentido da frase é para valer. Mas se pensarmos em termos da “terceira vaga da democratização” mundial, este “25 de Abril Sempre” tem uma duração limitada: cerca de 40 anos. Estamos a ver agora a vaga regredir. Para países como a Hungria ou a Polónia, houve 20 anos de progresso democrático logo seguidos de regressão para “democracias iliberais”. Na América Latina a corrupção e a polarização política

abrem portas ao autoritarismo. Na Ásia elege-se um violador de direitos humanos como Duterte, nas Filipinas; na China (que foi sempre uma exceção a esta vaga) preenchem-se bases de dados para centenas de milhões de cidadãos de acordo com um código de bom comportamento que permite ao Estado dar e tirar direitos de mobilidade a quem não tenha boa conduta. Para não falar dos EUA, da Turquia e da Rússia.

Se me perguntam até quando esta contravaga vai durar, respondo: não sei. Se me criticam por acreditar que é preciso democratizar o projeto europeu, respondo: é por isto mesmo. Se me disserem que não é preciso ter preocupações assim num dia como estes, dir-vos-ei que é essencial ter estas preocupações e tê-las aqui em Portugal. A geografia dirá o contrário, mas politicamente nenhum país é uma ilha.

Historiador; fundador do Livre